

Circulando com os meninos: participação e aprendizado da criança Xakriabá na exploração do território e da atividade da caça

*Around with the boys: participation and
learning of Xakriabá child on territory
exploration and hunting activity*

Rogério Correia da Silva*

Resumo: O presente artigo é parte da pesquisa que buscou investigar a infância vivida pelas crianças indígenas Xakriabá, caracterizando as sociabilidades e aprendizados que configuram sua educação, especificamente a vivência cotidiana em seu grupo familiar e sua participação nas atividades do grupo. Os Xakriabá habitam a região sudeste do país ao norte do Estado de Minas Gerais, com aproximadamente oito mil pessoas, constituindo a maior população indígena do estado. Significativas mudanças nos últimos anos contribuíram para o aumento de sua população, sendo mais da metade composta por crianças e jovens. Elegemos a circulação das crianças pelo território indígena como fio condutor de nossa descrição etnográfica sobre a infância dos meninos Xakriabá. As trilhas e estradas da Terra Indígena nas quais adultos e crianças circulavam diariamente eram marcadas por uma coexistência pacífica ou não com os não humanos como os espíritos dos mortos (as aleivosias), os seres encantados e as cobras. Para as crianças, acrescentaríamos que o caminhar pelo território também era marcado pela tensão na convivência com os cachorros, deixando transparecer aos olhos do pesquisador a relação de distância ou proximidade das crianças com os moradores das casas a que pertenciam os animais. A circulação das crianças pela aldeia constitui um tema de estudo da infância indígena que ganha novos matizes à medida que vamos conhecendo aspectos sociais relacionados à educação da criança nos diversos grupos indígenas. É acompanhando os meninos acima de 10 anos em suas caminhadas pela terra indígena que vamos identificando os espaços e as diversas atividades de que participam. Faremos a leitura dessa circulação, participação e aprendizados das crianças num estreito diálogo com teorias (LAVE; WENGER, 2003; ROGOFF et al, 2004; INGOLD, 2001), que tratam de processos de

* Graduado em Pedagogia, mestre em Educação e doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: rogex.correia@yahoo.com.br

aprendizagem de práticas sociais. A caçada constitui uma prática que, apesar de reduzida, contraria toda uma tendência de entrada no território de bens culturais do mundo não índio, estabelecendo assim fortes referências (junto com o trabalho na roça) na constituição identitária do grupo.

Palavras-chave: crianças indígenas; aprendizagem; participação; antropologia; caçadas.

Abstract: The following article is part of the research that sought to investigate the childhood lived by the indigenous Xakriabá children, characterizing the sociability and learning which configure their education, particularly the daily life in their family group and their participation in the group's activities. The Xakriabá people inhabit the southeastern region of the country, in the north of the state of Minas Gerais, with approximately eight thousand people, consisting of the largest indigenous population in the state. Significant changes in the last years contributed to the increase of its population, more than half of it being composed by children and youths. We elected the circulation of the children through the indigenous territory as the leading thread of our ethnographic description of the childhood of the Xakriabá boys. The trails and roads of the Indigenous Land on which the adults and children coursed daily were marked by a pacific (or not) coexistence with the inhuman, such as the spirits of the dead (the treacheries), the enchanted beings and the snakes. For the children, we would add that the walk through the territory was also marked by the tension over the co-habitation with the dogs, as the relationship of distance or proximity between the children and the house dwellers to whom those animals belonged is disclosed to the researcher's eyes. The movement of the children through the village constitutes a study theme on the indigenous childhood that gains new hues as we get to know the social aspects related to infant education in the various indigenous groups. It is by following the boys aged above 10 years old in their walks through the indigenous land that we identify the spaces and various activities they engage in. We will proceed to an analysis of such movement, participation and learning of the children, in a close dialogue with theories (LAVE; WENGER, 2003; ROGOFF et al, 2004; INGOLD, 2001) that deal with the processes of learning of social practices. The hunt, for it consists in an activity that, despite being reduced, contradicts a whole tendency of entrance in the territory of cultural goods of the non-indigenous world, thus establishing strong references (along with the farm work) in the constitution of group identity

Key words: indigenous child; learning; participation; anthropology; hunts.

O presente texto é parte da pesquisa de doutorado em Educação¹ que buscou investigar a infância vivida pelas crianças Xakriabá. Buscamos caracterizar as sociabilidades que configuram a infância e o aprendizado da criança Xakriabá, especificamente, na vivência cotidiana em seu grupo familiar e na participação das atividades que poderiam ser interpretadas como comunidades de prática. Chamamos de Comunidade de Prática a um grupo de pessoas que

¹ Agências financiadoras: CAPES/CNPq.

compartilham um ofício ou uma profissão. É através do processo de compartilhamento de informações e experiências (histórias, ferramentas, formas de lidar com problemas recorrentes) entre os membros do grupo que uns aprendem com os outros o ofício ou profissão desempenhada. As comunidades de prática apresentam assim uma estrutura de participação que possibilita aos seus membros o acesso aos conhecimentos necessários à prática da atividade, ao seu desempenho pleno encontrado entre os membros mais experientes (LAVE; WENGER, 2003). Buscamos neste texto analisar duas dessas práticas presentes entre os meninos de 8 a 14 anos: a prática das caçadas e do circular e explorar o território. De um grupo que pela sua história de contato e pelas relações com a sociedade envolvente tem recorrentemente questionada sua identidade étnica, esses dois aspectos nos chamaram a atenção naquilo que definimos como o processo de constituição de meninos em adultos Xakriabá. A primeira por constituir-se numa prática que, apesar de reduzida, estabelece fortes referências (junto com o trabalho na roça) na constituição identitária do grupo, conectando-se a outros elementos da vida social do grupo como a entrada e circulação de bens culturais e tecnológicos do mundo não índio. A segunda, por ser realizada intensamente pelos meninos e traduzir uma forma de como a criança Xakriabá se apropria dos elementos da cultura de seu grupo, a partir da circulação e exploração cotidiana do território. As trilhas e estradas da Terra Indígena nas quais adultos e crianças circulavam, diariamente, eram marcadas pela coexistência pacífica ou não com os não humanos como os espíritos dos mortos (as aleivosias), os seres encantados e as cobras. Para as crianças, acrescentaríamos que o caminhar pelo território também era marcado pela coexistência tensa, codificada, marcada por regras de conduta entre os meninos e os cachorros, expressando uma relação de distância com não parentes.

O grupo indígena Xakriabá habita a região norte do Estado de Minas Gerais, na cidade de São João das Missões, no Vale do São Francisco. Com aproximadamente oito mil pessoas (ocupando uma região de um pouco mais de 53 mil hectares), constitui a maior população indígena do estado. Os Xakriabá organizam sua produção em torno da plantação de roças e da criação de animais, destinados ao próprio consumo. Por problemas socioambientais ligados ao uso e degradação do território, sua produção não é suficiente para subsistência da população, o que exige o deslocamento durante determinados períodos do ano, de parte significativa da população adulta e jovem masculina para outros estados em busca de trabalho, como as regiões de corte de cana no estado São Paulo e Mato Grosso. A ausência dos homens na Terra Indígena, por longos períodos, no ano aumenta ainda mais a impressão de estarmos numa terra constituída por crianças, jovens, mulheres e velhos, principalmente as primeiras, por circularem mais pela aldeia.

Nossa primeira constatação a respeito das crianças Xakriabá é que hoje elas correspondem a quase metade da população total. Em 2004, o número

de habitantes com menos de 20 anos correspondia há um pouco mais de 55%, sendo que o grupo composto por crianças e jovens (0 a 14 anos) chegava a 45,12%. As maiores concentrações da população Xakriabá ocorriam nas faixas etárias de menor idade (0 até 9 anos) que juntas totalizavam 42,7% (PENA, 2004).

Logo no início da pesquisa, chamou-nos muito a atenção a grande circulação de crianças por toda a aldeia. Ao andar pela região, tornava-se ainda mais perceptível essa atividade quando, frequentemente, cruzávamos com elas subindo e descendo as trilhas, em pequenos grupos, crianças maiores acompanhadas pelos pequenos, em pares, carregando objetos, às vezes um andar apressado como se estivessem levando algum recado ou tarefa importante, outras vezes o caminhar mais lento, com olhares atentos dirigindo-se para as copas das árvores. Toda a aldeia era um emaranhado de trilhas que levavam a todos os lugares, ligando estradas, cortando as matas, ligando as casas dos parentes às roças, aos brejos, à escola, às outras aldeias. Circular era o que mais víamos os meninos fazendo ao longo do dia, a ponto de, muitas vezes, ser um desafio localizar onde eles se encontravam em determinadas horas do dia, o que resultou em muitos desencontros. Os meninos que acompanhávamos realizavam caminhadas diárias que podiam variar entre 5 e 16 quilômetros.

A intensa circulação das crianças pela aldeia atestava um segundo aspecto sobre a infância Xakriabá, que é a presença e participação delas em todas as atividades do grupo, das reuniões na casa da comunidade às cerimônias religiosas, nas festas, nos casamentos, nas atividades domésticas de seu grupo familiar voltadas para manutenção da casa e para o cultivo e preparo de alimentos. Não havia entre os Xakriabá uma distinção entre espaços voltados, exclusivamente, para adultos e aqueles voltados para as crianças. De situações mais informais até as mais estruturadas e formalizadas de aprendizado, esses diversos momentos da vida social que propiciavam o encontro entre adultos e crianças suscitavam, por sua vez, uma diversidade de situações de comunicação e aprendizagem. Essa maior liberdade de acesso aos lugares, às conversas e atividades realizadas por adultos constitui não só uma parte importante e necessária de sua formação como também uma forma importante de troca entre os grupos familiares e de sociabilidade entre as famílias promovida por essa circulação das crianças (GOMES, 2008).

Elegemos a circulação das crianças como fio condutor de nossa descrição etnográfica sobre a infância dos meninos Xakriabá. Faremos a leitura da circulação, participação e aprendizados das crianças, a partir da teoria formulada por Jean Lave e Etienne Wenger (2003) sobre a *aprendizagem situada* em comunidades de prática. Analisaremos a participação dos meninos Xakriabá em vários sistemas de interações ou relações proporcionados por sua circulação pelos espaços e pela realização de atividades presentes em cada um deles, no contato com pessoas mais experientes (sendo muitas vezes elas próprias os “experts”), na forma como se estrutura essa participação que lhes permite o

aprendizado. Em outras palavras, será pela circulação das crianças que iremos identificando e analisando as comunidades de prática da qual os meninos participam. Muitas vezes será o caminhar a própria atividade de aprendizagem.

Das várias práticas sociais em que participam os meninos Xakriabá e caracterizam assim sua circulação pelo território, como o trabalho na roça e a atividade de cuidar do gado, daremos destaque neste texto a duas delas. A primeira descreve a circulação dos meninos pelo espaço das casas caracterizando-a como momento de se fazer parentes; a segunda procura descrever as caçadas, uma prática presente em um dos grupos de meninos pesquisados. Ao circularem pelo território, ambas as práticas abrem às crianças a possibilidade do encontro, de uma convivência com não parentes e também com não humanos. No primeiro caso, essa relação pode ser mediada pelos cachorros que denunciam ao etnógrafo o momento em que as crianças se aproximam das casas em que não circulam, dos não parentes. A relação tensa e marcada pelo enfrentamento entre crianças e os cachorros das casas dos não parentes contrasta com o aspecto submisso, passivo e, muitas vezes, ignorado de como os cachorros e crianças se relacionam quando em casas de parentes. No segundo caso, ao circular pela Aldeia, seja nas trilhas, estradas seja nas matas, é grande a possibilidade de encontro com as aleivosias, “os encantados” e as cobras.

Circulando pelas casas dos parentes

O primeiro lugar de circulação das crianças pelo território indígena tem início na própria casa e no quintal onde habitam. É o espaço onde nasceram e, ainda pequenos, inicia-se o seu processo de socialização. As crianças são inseridas desde o nascimento na vida de seu grupo doméstico. No ambiente feminino da casa, as crianças recebem os primeiros cuidados com alimentação e saúde, espaço do aprender a andar e a falar, ações que continuam até quando se tornam rapazinhos, [ações] associadas na ideia de “pegarem corpo”. A casa é também o lugar de se fazer parentes.

Para os Xakriabá, a vida entre parentes é algo muito importante e essencial ao grupo, um cotidiano marcado pela constante atualização de seus laços de parentesco, através da produção e partilha de alimentos e pela circulação das pessoas pelas casas, pela troca e reciprocidade. Identificamos, aí, como os parentes constroem uma rede de ações e compromissos que se torna responsável pela educação e cuidados das suas crianças. As crianças são inseridas na vida entre parentes desde o seu nascimento. Percebemos essa “rede” em ação, movimentando-se em diversos momentos da vida das crianças Xakriabá: quando elas nascem ou adoecem, as mulheres da família se deslocam para a casa da criança para prestar os devidos cuidados à mãe e ao recém-nascido; quando um parente necessita de uma companhia, alguém que lhe ajude nas

tarefas domésticas ou mesmo que seja dado um recado a alguém, lá estão presentes as crianças; na organização de uma festa, no trabalho, na roça... Os exemplos são muitos. Em todos esses momentos, as crianças participam e aprendem o significado e os modos próprios de se fazer a vida entre parentes. Em alguns momentos, ela é participante dessa rede, tendo papel de destaque na sua produção (quando, por exemplo, ela é o elo entre diferentes grupos familiares, ao circular entre ambas as casas), em outros ela é produto dessa rede (filho, neto, produto do casal), algo que se partilha entre parentes.

É na casa e no quintal que vamos observar o gradativo processo de participação da criança na vida e atividades do seu grupo doméstico e suas primeiras saídas em direção às casas dos outros parentes e de outros espaços de construção da pessoa Xakriabá. É na casa dos pais que as crianças se iniciam e para ela sempre retornam, reduzindo suas idas somente quando adultos, quando se casam e constituem seu próprio núcleo familiar, sua própria casa, ou quando permanecem longos períodos trabalhando fora do território nas indústrias açucareiras. Mesmo quando iniciada sua circulação pelo território, parte das atividades dos rapazinhos acontece no quintal da casa.

Os meninos, a partir dos oito anos de idade - “os rapazinhos” - são inseridos de forma mais efetiva nas tarefas realizadas pelo grupo dos homens e tendo, a partir daí, um importante papel na organização da vida familiar, bem como na socialização das crianças pequenas. Teriam assim uma dupla função: ensinam às crianças pequenas as tarefas que elas futuramente desempenharão e, ao mesmo tempo, inserem-nas na ideia de divisão sexual do trabalho. Os rapazinhos têm um importante peso na economia familiar, na medida em que, juntamente com as mulheres, ocupam hoje, os espaços no trabalho da roça e na criação de gado deixados pelos homens que viajam para trabalhos temporários nas lavouras de cana-de-açúcar.

Autonomia e “Bestar”

A circulação das crianças pela aldeia é um tema de estudo da infância indígena que ganha novos matizes, à medida que vamos conhecendo aspectos sociais relacionados à educação da criança, nos diversos grupos indígenas. As pesquisas informam que vamos encontrar diferenças entre os grupos indígenas na forma como atribuem uma maior ou menor autonomia e liberdade a suas crianças nessa circulação. No estudo de alguns desses grupos, circular por todos os espaços e locais é um aspecto essencial ao aprendizado e educação da criança (como no caso das crianças Xavante estudadas por Ângela Nunes (1999) e Clarice Cohn (2000) sobre as crianças da sociedade Kayapó Xikrin), algo importante e necessário à constituição do próprio *socius* do grupo, elemento de ligação entre as casas e grupos de não-parentes (TASSINARI,

2007; 2009), uma forma de construção das noções de espaço e tempo bem diferente das encontradas nas infâncias vividas pelas crianças não indígenas (NUNES, 1999). Em outros grupos indígenas, esta circulação da criança será mais restrita aos grupos de pares e aos espaços de convívio de seu grupo de parentes, como demonstrou Camila Codonho (2007) no estudo sobre as crianças galibi-marworno e Regina Müller (2002) sobre as crianças asurini.

Com relação às crianças Xakriabá, podemos dizer que elas constroem noções de espaço e tempo a partir dessa circulação pela aldeia, atrelada à participação em atividades do trabalho na roça, na tarefa de guiar o gado, durante as caçadas, nas brincadeiras e em tantas outras mais que pudéssemos nos deter relacionadas às suas vivências no território.

A circulação dos rapazinhos pelo território não se constituiria a partir de uma liberdade irrestrita de circulação a todos os espaços da aldeia a qualquer momento do dia. Essa atitude, na visão dos adultos, seria considerada “besteira”, andar por aí, sem rumo certo, sem serviço. Entre os Xakriabá é uma palavra ambígua, pois ao mesmo tempo é uma atitude valorizada como momento de repouso e descanso, quando não se tem mais nada para fazer. A circulação das crianças pelo território está muito relacionada a sua participação em seu grupo familiar. Os meninos aprendem a gerir o tempo em que realizarão as atividades e tem autonomia para decidirem quando as farão. O tempo de execução da atividade torna-se assim um tempo distendido, sem pressa, podendo associar à tarefa principal outras coisas do seu interesse realizáveis juntas como, por exemplo, as pilotagens², a coleta de frutos, a visitas rápidas à casa de parentes.

“Os encontros”: aleivosias, encantados e cachorros

Existem diversos seres do universo cosmológico Xakriabá que habitam o Território. Nele co-habitavam com os humanos outros seres com quem os Xakriabá buscavam manter uma coexistência controlada, ora evitando, ora enfrentando, mas em ambos os casos protegendo-se quanto às suas potências: trata-se das “aleivosias” (que podem ser tomadas como alma de gente morta, todavia com a intenção de circular por entre os vivos, provocando-lhes o mal) e das “cobras”. Caminhar pelo território podia propiciar um encontro com alguns desses seres. Era uma convivência quase sempre tensa porque o encontro com eles poderia se tornar um momento de predação em que as cobras ou as aleivosias tomavam a saúde - física ou espiritual- de quem lhes cruzasse o caminho. Outros seres com quem os Xakriabá conviviam e

² Pilotagens são as caçadas feitas a passarinhos, utilizando bодоques e pedras ou “pilotas”, objetos esféricos feitos de barro, queimados no fogo.

pediam proteção eram os “seres encantados”, dentre eles o mais importante era a onça Yáyá Cabocla, principal personagem do ritual religioso do grupo conhecido como “Toré”.

As aleivosias

Caminhar pelas estradas em determinadas horas do dia ou da noite podia propiciar um desconfortável encontro com as “aleivosias”. Em português aleivosia pode significar “traição, fraude, deslealdade, aleive” (Dicionário Aurélio). “Aleivosia” é como os Xakriabá chamam os espíritos dos mortos que habitam o território. Elas caminham pelas estradas e estão presentes nas lapas (cavernas, buracos nas pedras), próximos aos pés de gameleira e também em algumas casas da aldeia. Elas circulam pelos mesmos caminhos dos vivos. É, sobretudo, uma convivência que os Xakriabá temem e evitam. As pessoas que se encontram com as “aleivosias” podem ficar num estado que denominam por “assombrado”, passando a ter medo e a enxergar os espíritos com maior frequência.

Segundo me explicou dona Maria, uma criança está assombrada, quando fica impressionada com a morte de certo parente e ele vem lhe pregar peças. A criança fica assustada, seu comportamento muda, tem medo de dormir, diz ter visto o certo parente morto, e as reações são acompanhadas de choro, gritos, desmaios, dificuldade de andar, pedidos de socorro.

Os espíritos dos mortos podem ter classificações diferentes: aqueles parentes próximos que morreram recentemente ou aqueles em que não se reconhece relação de parentesco; os que assombram as casas, os que assombram os caminhos e as lapas. É forte a ideia de que esses seres pensam a si mesmos como humanos e que tem uma perspectiva própria. Temos aí a demarcação de seus territórios distintos, tanto no tempo (as horas dos mortos), quanto do território, quando, por exemplo, a presença de uma aleivosia numa casa possa ser explicada pela invasão do território do morto (construiu sua casa em cima da sepultura do morto). Outro aspecto, a ser estudado, é a relação de predação que é estabelecida entre os mortos e os vivos, os mortos sendo predadores dos vivos (CUNHA, 1978). A pergunta seria justamente o que o morto “preda” do vivo? A paz de espírito? A coragem? A fé? O que podemos afirmar é que a explicação para determinadas doenças dos vivos provém dessa relação com os mortos. Por fim, poderíamos falar das práticas de desassombramento dos lugares e das pessoas.

O estudo sobre a relação dos Xakriabá com as aleivosias nos remete aos rituais de sepultamento dos mortos pelo grupo. Os Xakriabá tratam, com muito respeito e seriedade, seus mortos. O ritual funerário dos Xakriabá foi registrado em relatório feito por Mariz (1982). Durante a morte de uma pessoa

na aldeia, o grupo realiza a “Sentinela”, período em que os parentes e pessoas da comunidade velam o corpo durante toda a noite. Enquanto um corpo é velado, dois horários são perigosos para sair do velório: de meia noite às seis da manhã e ao meio dia. Se sair durante esses horários, é possível a pessoa se encontrar com “aleivosia do morto”. No encontro, que acontece durante o dia, os espíritos dos conhecidos que morreram costumam brincar com os vivos, pregando-lhe peças. Nesse caso, ou a pessoa fica com medo, ou entende a brincadeira e segue em frente.

Os casos de assombramento, apesar de estarem presentes no cotidiano de adultos e crianças, acometiam mais o primeiro do que o segundo grupo. Tal fato nos faz pensar numa hipótese desenvolvida por pesquisa realizada por Flávia Pires (2007) sobre religião e infância entre crianças e adultos de uma cidade da Paraíba, principalmente, sobre a diferença de ponto de vista entre as crianças e adultos quanto aos mal-assombros. Conclui a autora que tornar-se adulto passa por um processo de cristianização ou “desbastamento” de nossa religiosidade em que o crente passa acreditar nos mal-assombros como almas enviadas ao mundo por Deus ou pelo Diabo, diferente da criança, que inclui uma quantidade maior de entes tidos como mal-assombros em seu imaginário, como tudo aquilo que faz medo. Através do seu trabalho, tivemos a consciência de que, para um maior aprofundamento da questão, talvez tivéssemos que fazer uma incursão no estudo da religiosidade cristã do grupo Xakriabá, tema que aqui apenas tangenciamos. Pode ter relação com as referências cristãs sobre a imagem da “criança anjo”, pura e sem pecados, que contrasta com a imagem do adulto pecador. Nesse sentido, numa explicação religiosa, as aleivosias apareceriam para os adultos pecadores e “fracos”, segundo dona Maria, o que poderia ser interpretado; também, como aqueles de pouca fé, e não apareceriam para as crianças que não possuiriam pecados.

As cobras

Assim, como na relação dos Xakriabá, com as aleivosias e os encantados, acreditamos que tenha um grande potencial o estudo sobre como os Xakriabá veem e se relacionam com o mundo das cobras. Existem pistas que sinalizam para possibilidade de estudar essas relações sob o ponto de vista do perspectivismo. É muito presente entre os Xakriabá a ideia atribuírem agência, humanidade e cultura ao mundo das cobras. Nos resta saber se os Xakriabá consideram o ponto de vista das cobras ou, em outras palavras se para os indígenas, as cobras se veem e pensam a si mesmas humanos (LIMA, 1999).

Pelo que nos apontam os autores do campo da etnologia dos povos ameríndios que trataram dos estudos sobre a relação homem animal em situações de caça, nesta nossa leitura introdutória ao tema (DESCOLA, 1998;

2002; FAUSTO, 2002; LIMA, 1996; 1999), concluímos que, para tratar da caça entre os Xakriabá, devemos necessariamente passar pela discussão das relações entre humanos e não humanos, presentes no pensamento e práticas do grupo, na discussão sobre como tratam da relação natureza e cultura. Qual a relação que os Xakriabá estabelecem com os animais e com a caça?

Com relação à diferenciação entre natureza e cultura, utilizamos das referências feitas às cosmologias amazônicas, quando é possível, em muitos momentos da descrição da relação dos Xakriabá com as cobras, identificar que em sua cosmologia também é estabelecida uma diferença de grau, e não de natureza entre os homens e animais. Os Xakriabá (muito forte no caso das cobras e das aleivosias) não separam humanos e não humanos em domínios estanques.

Nessa formulação adotada pelo perspectivismo (VIVEIROS DE CASTRO, 1996; LIMA, 1996), animais e plantas são vistos como sujeitos sociais, com instituições e comportamentos simétricos aos homens. A cultura, dessa forma, seria atribuída tanto a homens, animais como a plantas, os seres do cosmos seriam definidos pelas posições que ocupam uns em relação aos outros, em função do seu metabolismo, regime alimentar e pelo tipo de comunicação (DESCOLA, 1998).

O referente comum às entidades que povoam o mundo na Amazônia não seria o homem enquanto espécie, mas sim a humanidade enquanto condição de todos, homens, animais e plantas. Nesse sentido, no perspectivismo, a humanidade se estenderia também aos animais dotando-os de intencionalidade potencial, refletindo-se em uma pluralidade de culturas sobre este mundo compartilhado entre humanos e não humanos.

Feitas essas primeiras considerações, podemos dizer que a cobra é considerada pelos Xakriabá como um “espírito ruim”, bicho feito pelo diabo, parente da lagartixa e da lacraia (escorpião), que persegue e ataca as pessoas (FERNANDES, 2008). Uma forma muito comum de a cobra atacar o homem é através da “espição” ou da “ofensa”. Significa dizer que ela “vê” a pessoa sem ser vista, desejando-lhe o mal. Nessas situações, a pessoa adoece, tem febre e dor de cabeça, só curando através da beberagem de raízes; nesse caso, uma das raízes usadas é a “tiú”. Outra característica que define a humanidade das cobras é o fato de elas serem vingativas e viverem em grupos ou em pares. Por exemplo, ao se encontrar com uma cobra, o gesto mais presente entre os Xakriabá é tentar matá-la. Se a pessoa não obtiver sucesso, a cobra pode se vingar. Ela vai até a casa da pessoa e aguarda escondida a oportunidade de picá-la ou ofendê-la. O mesmo pode acontecer caso a pessoa obtenha sucesso, pois, como andam em pares, “a companheira” da cobra morta “vingará” sua morte. Por isto, os Xakriabá recomendam que, ao matar uma cobra, deve-se procurar ou aguardar que a segunda cobra apareça. Para os Xakriabá as cobras possuem uma anatomia diferente do que aparentam, como o caso das patas

escondidas o que lhes permite caminhar, e não apenas rastejar, e também algumas outras habilidades especiais, sendo que algumas delas voam. A partir dessas observações a respeito da relação dos Xakriabá com as cobras, somos levados a concordar com Carlos Fausto quando diz: “se matar animais equivale a matar pessoas, a caça resvala imediatamente na guerra” (FAUSTO, 2002, p. 9). O que podemos concluir é que os Xakriabá e as cobras estão em guerra. Se matar cobras equivaleria a matar pessoas, e se cobras e humanos são inimigos, tal rivalidade ativaria processos contínuos de predação e contrapredação de ambos os lados. De um lado, as cobras com suas “expições e ofensas” adoecem o caminhante desavisado da sua presença; de outro, os Xakriabás, ora se protegem, ora investem sobre as cobras, matando-as.

Embora tenhamos tratado a relação dos Xakriabá e as cobras como caça e guerra, sentimos a necessidade de fazer algumas ponderações. Acreditamos que os Xakriabá caçam as cobras não com o objetivo de consumi-las (isto descaracterizaria a ideia de caça?), da mesma forma que não é possível identificar com as informações que por ora possuímos se as cobras, assim, procedem com o objetivo de tornar os humanos seus parentes. Nesse sentido, embora façamos uso num primeiro momento das interpretações de Fausto para compreender essa relação como guerra, ela não parece se caracterizar como uma relação de produção de parentesco pela caça e o seu consumo (“comer com alguém” e “comer como alguém”), na ideia que o mesmo autor anuncia como “predação familiarizante” (FAUSTO, 2002). Significa dizer que, embora não se constitua como uma prática de caça no sentido de obter alimento, ainda assim está presente a ideia da predação. Poderíamos caracterizar essa relação entre humanos e cobras definindo a cobra como um ser com excesso de predação, realizando-a de forma desmedida sobre os humanos. Com o fim de atacar os humanos para unicamente alimentar sua potência de predação, não deixaria, assim, espaços para trocas (como aconteceria nas definições de predação familiarizante). Nesse sentido, instaura-se uma violência permanente entre homens e cobras. Nessa relação, haveria espaço apenas para a guerra, num perpétuo ciclo de vingança.

Se caçador não sai para caçar a cobra, todavia deve ficar atento à possibilidade do encontro com a mesma, logo, teme ele a uma inversão das posições de predador em presa. Por fim, lembramos que estamos falando de uma relação que cotidianamente está posta não apenas para caçadores, mas para todo o grupo em situações não necessariamente de caça.

Os encantados: Yáyá Cabocla

Assim como as estradas e trilhas marcam essa convivência com outros seres, a mata também é domínio de seres como o “bicho homem”, aquele que

protege os animais, e a *Yáyá Cabocla*, a onça encantada a quem se deve pedir proteção ao se entrar em uma delas. Paraíso (2008) realizou uma síntese dos registros sobre a *Yáyá Cabocla* feita por outros pesquisadores. Segundo a autora, *Yáyá* é a figura mítica que protege e orienta os índios *Xakriabá*. As versões sobre o mito da onça *Yáyá Cabocla* narram a história de uma moça que se transformava em onça através de um galho colocado em sua boca. Transformada em onça, matava o gado e alimentava os *Xakriabá* com sua carne. Numa dessas saídas, a mãe que ajudava a filha a transformar-se novamente em gente (em algumas versões não cumpriu, noutras assustou-se com a filha transformada em onça) não lhe colocou o galho na boca e, a partir daí, a mulher nunca mais desvirou-se, permanecendo onça. A *Yáyá* habita as grutas e olhos d'água. É contactada pelos *Xakriabá* através da realização do *Toré*, ritual religioso secreto e restrito a apenas poucas famílias. O ritual acontece em um terreiro de difícil acesso, conhecido apenas pelos participantes e próximo à gruta de morada da *Yáyá*. O terreiro é sempre mudado de lugar a fim de manter em segredo sua localização. Segundo a autora, *Yáyá* tinha um importante papel na aceitação ou não de não índios nas terras *Xakriabá*. Também orientava lideranças sobre as formas de luta pela terra, informava-lhes de perigos, aconselhava crises familiares e dava notícias de parentes distantes. Além de pedir conselhos à onça, outra ação que também ocorria e de que muito me interessava saber mais detalhes era sobre a apresentação de novos membros da comunidade, principalmente a iniciação de crianças no ritual, quando completavam os 7 anos de idade.

Durante minha pesquisa de campo, apesar de conviver numa aldeia e próximo aos grupos e pessoas que praticavam o *Toré*, não me foi permitido acesso para estudar o assunto. Consideravam o tema um “segredo de índio” e por isto, restrito aos seus, como mesmo afirma Santos (2010).

Na situação que aqui descrevemos sobre sua presença no território, existem vários sinais emitidos pela onça que atestam sua presença, como assobios, cantos, rugidos, vendavais, confusões nas capoeiras e batidas nas portas das casas durante a noite. Pode indicar sua satisfação ou insatisfação, em relação a algum evento que transcorra no território. Quando a onça estava presente, alguns moradores lhe ofereciam fumo, e o colocavam no batente das portas de suas casas.

Os cachorros

Os meninos, ao circularem com o gado pelas estradas da aldeia, tinham como certo que, em alguns momentos, teriam o incômodo encontro com os cachorros. Os quintais das casas e a estrada logo à frente eram os territórios vigiados pelos cachorros. Eles permaneciam em frente à casa de seus donos,

em vigília permanente, e latiam ao perceberem a aproximação de pessoas estranhas. Eles eram referência tanto para homens quanto para as mulheres. As mulheres faziam referência a eles na proteção da casa, e os homens, como companheiros na roça e nas caçadas. Em todas as casas existiam cachorros. Lá eles estavam presentes dia e noite, vigiando e protegendo os moradores e também as criações contra raposas e outros bichos. Protegiam a casa também contra as aleivosias. Eram capazes de perceber a presença e a aproximação delas.

Os encontros entre os meninos e os cães eram quase sempre marcados por uma demonstração de força de ambos os lados. Exigia da criança aprender a dominar o medo, não correr, não recuar, a estar atenta à aproximação do animal, a armar-se (ou não, daí o ponto de controvérsia entre os meninos) com um pedaço de pau quando se aproximassem do território dos cachorros ou de seus donos e, em rápidos segundos de tensão, mediam as forças e avaliavam o poder um do outro. A ação poderia terminar bem ou não, o caminhante poderia obter permissão para passar, ou não ser reconhecido como alguém valoroso e, então, teria que correr ou recuar.

Como havia dito anteriormente, andar pelo território era também circular por áreas de não parentes, aqueles com quem não se tinha um convívio muito próximo, e os cachorros nos davam sinais desse território demarcado, demonstrando essa proximidade ou não das pessoas com relação aos seus donos, pois latiam para quem não “era de casa”.

As caçadas

A caçada constituía uma prática muito presente num passado bem recente do grupo Xakriabá, mas que, nos dias de hoje, tornou-se bastante reduzida. A importância das caçadas para os Xakriabá está registrada no documento oficial da doação das terras aos Xakriabá feito por Januário Cardoso. Também está presente na memória oral desse povo através dos versos cantados transmitidos entre as gerações, “os campos gerais para as meladas e as caçadas”³, assim justifica o documento a doação de determinadas partes do território.

A prática de caçar possibilitava a meninos e homens uma diferente forma de circularem pelo território e de se apropriarem do espaço. Possibilitava a eles, por exemplo, andarem por espaços que estavam fora de sua

³ “Para isso eu dou terras/pros índios morar [...] eu dou terra com fartura para índio morar:/ a missão para morada,/o Brejo para o trabalho,/ os campos Gerais para as meladas e as caçadas/ e as margens dos rios para as pescadas”. Trechos da música cantada pelos índios velhos recolhida por Alceu Cotia Mariz (1982).

circulação diária como a mata e, nessas condições, articularem uma série de conhecimentos como leitura dos sinais e rastros deixados pelos bichos. Mesmo que a mata estivesse localizada dentro do espaço de circulação cotidiana de todos os membros da aldeia, o fato de os meninos nela caçarem com regularidade fazia daquele espaço um território próprio desse grupo. Aqueles meninos, diferentes dos demais, circulavam de uma determinada maneira por aquela mata, localizando bichos, montando suas armadilhas e mantendo uma vigília do lugar.

Aprendendo a caçar

Uma pessoa com quem eu conversava muito a respeito das caçadas era o próprio Deda, professor de cultura da Escola Indígena Xakriabá. Segundo ele mesmo havia me contado, aprendeu a caçar ainda pequeno com seu pai e também com seu tio João de Prisca, principalmente com o segundo. Uma prática muito comum entre ambos era que Deda identificava para seu tio os locais onde os bichos dormiam na mata. Assim que ele localizava os bichos, avisava seu tio e saíam para caçar. Quando retornavam com a caça, seu tio tinha o costume de dividi-la com ele. Deda me deu várias explicações a respeito de como se caça e das armadilhas utilizadas. Assim, sistematizei algumas das mais importantes.

Os caçadores utilizavam, como armas, espingardas e garruchas, mas também ouvi relatos de foices, arcos e flechas e bodoques (espécie de arco em que se usa no lugar das flechas pilotas de barro). Caçavam de preferência à noite. Levavam consigo uma lata com estrume de vaca e óleo para fazer fumaça e assim espantar as muriçocas. Caçavam também no escuro, sendo que alguns levavam consigo lanternas. O silêncio era importante para a empreitada. Quando caçavam juntos, permaneciam em silêncio e se comunicavam apenas por sinais. Para localizar e perseguir a presa, era fundamental saber fazer a leitura dos rastros dos animais, a partir de suas pegadas e de como caminhavam. Mesmo ferido, o animal costumava correr muito tempo antes de morrer. Todavia sua corrida mudava e imprimia marcas novas nos rastros, e era muito importante ler esta mudança nas pegadas do animal, pois informava ao caçador se deveria continuar a perseguir sua caça ou não.

Caçar era um exercício de paciência e planejamento. As informações iniciais sobre a que bicho correspondia o rastro encontrado era muito importante, pois oferecia ao caçador informações sobre o tamanho, altura, peso, se voava ou não, se o bicho em questão era um gato, uma raposa, queixada, veado, catitu, teiú, nambu, mocó, tatu, rabudo, bandeira, mixila, coelho... aliás, a lista se estendia e era muito grande. De acordo com o tipo do animal, era construída uma determinada armadilha: mundéu, quebra-cabeça, arapuca,

laço etc. Em algumas delas, o animal era morto ou preso e não necessitava de o caçador estar presente. Em outras situações, os caçadores necessitavam fazer vigília montando um jirau no alto de uma árvore bem próximo ao local onde o animal costumava comer, como o caso do veado e do tamanduá-bandeira.

Para caçadas que exigiam perseguir e acuar a presa, os caçadores, na maioria das vezes, contavam com a ajuda dos cachorros. Por fim, os caçadores utilizavam roupas próprias para as caçadas, quase sempre aquelas com que trabalhavam na roça, evitando assim as roupas limpas que denunciariam para a caça, através do cheiro, sua localização.

Havia outros elementos presentes no ato de caçar que estavam relacionados aos presságios. Antes de iniciar a caçada, o caçador permanecia atento a alguns sinais sobre se obteria sucesso na empreitada. Na verdade todos os sinais que registrei poderiam ser considerados presságios de azar. Por exemplo, se a arma mascasse o tiro por três vezes, era sinal de que deveria voltar para casa, dali mesmo, porque não iria conseguir caçar bicho algum. O mesmo valia se um sapo ou uma raposa cruzasse o seu caminho durante a caçada. Assim, como existem esses sinais, o caçador também deveria pedir permissão e proteção para entrar na mata contra, por exemplo, a expiação das cobras. Costumava-se andar com um dente de alho ou um pedaço de fumo no bolso.

Tive oportunidade de conhecer seu João de Prisca. Segundo a opinião de alguns de meus informantes, Seu João era muito conhecido na região como um ótimo caçador e que ainda saía para caçar. Quando mais novo, tinha como companheiro de caçadas seu primo-irmão seu Pedro, mas, no tempo da pesquisa, caçava acompanhado de seus netos.

Seu João escolhia os meninos menores que ainda não tinham aprendido a caçar para acompanhá-lo. Ao mesmo tempo, os meninos não apenas acompanhavam a caçada, mas tinham uma participação fundamental para o sucesso da empreitada, pois emprestavam para Seu João um dos sentidos do qual ele já não dispunha com tanta eficiência, que era a audição. Mesmo se tratando de alguém muito experiente, a criança era inserida em uma situação de codependência, pois Seu João não conseguiria caçar sem a ajuda de seu neto, mesmo que considerasse a situação de aprendizagem do menino. Destaca-se mais uma vez a fundamental participação dos novatos na comunidade de prática.

Se, quando Deda aprendeu a caçar com seu tio, era fundamental a sua participação, ainda que como aprendiz, tendo que aprender a localizar as “camas” dos animais na mata, agora vemos seu João contar com a habilidade de seus netos para identificarem os diferentes sons emitidos na mata durante a caçada. Um fato importante desse aprender a caçar era o reconhecimento por parte dos adultos das habilidades das crianças, consideradas algo que se desenvolve numa situação real de caça, compartilhando a criança de momentos

de envolvimento periférico⁴ com momentos de participação mais ativa, quando contribui de forma efetiva para o sucesso da caça.

Reginaldo e Darley eram netos de seu João de Prisca e, com ele, também aprenderam a caçar. Segundo eles mesmos haviam me contado, aprenderam a caçar com seu avô começando por acompanhá-lo em suas caçadas. Quando seu avô considerou que eles tinham aprendido o suficiente, pediu que fizessem o mesmo que fazia com eles, ou seja, caçassem acompanhados de um menino mais novo e sem experiência. Quando retornaram, seu avô lhes fez algumas perguntas sobre como procederam durante a caçada. A partir desse momento, julgando que eles estivessem preparados, estavam liberados para caçarem sozinhos.

No território dos meninos caçadores

Neste tópico, apresentaremos as situações de caçadas vivenciadas pelos meninos da pesquisa: as pilotagens e as caçadas com armadilhas. Diferentes das situações relatadas anteriormente, em que os meninos acompanhavam os adultos, nessas caçadas os meninos participavam em companhia de seus pares. As caçadas dos meninos poderiam ser vistas como uma atividade realizada nos finais de semana (com armadilha) como, também paralelamente à realização de atividades diárias (pilotagens). Analisaremos as duas experiências vividas pelos meninos, principalmente sobre a ideia da demarcação de um território, quando no momento em que caçam, estabelecem novas relações com o espaço da mata e da aldeia e uma maneira diferente de nele circularem.

Reginaldo e Darley eram por mim chamados de “os meninos caçadores”. Diferentes dos demais que só pilotavam, esses dois meninos caçavam fazendo

⁴O conceito de Aprendizagem Situada considera a aprendizagem como um aspecto constitutivo da prática social. A aprendizagem seria vista como fruto de um processo de caráter situado, mediado pela diferença de perspectivas entre co-participantes (LAVE; WENGER, 2003). A aprendizagem estaria situada em certas formas de co-participação e não meramente nas mentes das pessoas. A participação periférica legitimada é uma característica da aprendizagem como atividade situada. Proporciona uma maneira de falar acerca das relações entre os recém-chegados e os veteranos diante das atividades, identidades, artefatos e comunidades de conhecimento e prática. “Um processo através do qual os recém-chegados se tornam parte de uma comunidade de prática”, num movimento da participação periférica para a participação plena. Nesta visão, as intenções do aprendiz são consideradas e o significado da aprendizagem decorre de seu processo de transformar-se em um participante pleno de uma prática sociocultural. A ideia de periferia adotada nesta definição sugere que existem formas múltiplas, variadas e mais ou menos comprometidas e inclusivas de estar localizado nos campos de participação definidos por uma comunidade. Não existe com isso uma noção linear de aquisição de habilidades muito menos trabalha-se com a ideia da existência de uma periferia como contraponto a existência de um centro ou núcleo. Para os autores a ideia de participação periférica corresponde com o estar localizado no mundo social. As localidades e as perspectivas mutantes são partes das trajetórias de aprendizagem dos atores, do desenvolvimento de suas identidades e das formas de tornar-se membro do grupo.

uso de armadilhas. Eles caçavam numa mata que fazia divisa com o terreno da sua casa. Essa mata era atravessada por várias trilhas e era o caminho mais rápido que ligava aquela parte da aldeia à sede ou FUNAI. Era uma extensão considerável de terra (10 hectares) que ia do riacho até a estrada de rodagem. Uma parte dessa mata era composta por uma infinidade de lapas, rochas e buracos no chão, feitas de uma espécie de pedra calcária muito presente na região. O local se assemelhava mais a um canteiro de obras de construção de prédios ou a uma pedreira, tão grande era a quantidade de pedras. Era um lugar bastante tortuoso, pois, além das pedras, a vegetação desse lugar era composta por algumas árvores, muitos cipós, cactos e urtigas. Havia também muitas cobras. Quase não havia trilhas. Era uma parte da mata pouco visitada, e as poucas trilhas existentes eram utilizadas pelo pessoal da casa.

Certa vez, os meninos me apresentaram o local onde montavam suas armadilhas. Entramos pela mata pelos fundos da sua casa. Logo, na entrada, nos deparamos com várias delas. As armadilhas eram armadas nos mais diferentes lugares, por entre as rochas, próximo às lapas, em muitos locais onde somente os meninos, que eram pequenos o suficiente, poderiam entrar e lá as montarem. A distância entre uma e outra armadilha era bem variada e podia chegar até 10 metros. Havia também muitos locais com vestígios onde foram montadas armadilhas no passado. Havia quase uma dezena delas, todas semiarmadas. Elas eram feitas a partir de uma pesada pedra achatada muito comum no local. Essa pedra era sustentada por alguns galhos de tal forma que o animal pudesse andar por baixo dela. A pedra caía sobre o bicho quando ele pisasse na estrutura que retirava o apoio dos galhos que a sustentava. O bicho morria esmagado pelo peso da pedra. Na foto abaixo podemos ver uma dessas armadilhas montadas. Ela foi encontrada em outra área, nos terrenos de seu João de Prisca, certa vez em que eu acompanhava os meninos caçando passarinhos pela região. Deda estava presente no dia e remontou a armadilha a fim de me explicar seu mecanismo.



Reparem pela foto acima que são necessários três galhos para erguer a pedra, um deles em forma de forquilha. É preciso também um barbante ou algo parecido para unir os galhos. O galho que permanece próximo ao chão solta a corda e aciona o mecanismo que retira o apoio dado a pedra pelos dois galhos de cima.

Os garotos estavam à caça de pequenos animais: pássaros como cordornas, inambus, juritis, mocós, pequenos roedores como um rato do mato, conhecido na região por rabudo, e répteis como o tiú (teiú). Pelo que fui observando e na descrição dos meninos durante o passeio, pude concluir que, para escolher o lugar para armar as armadilhas, era necessário descobrir o local onde moravam os bichos. Para isto os meninos observavam atentamente os hábitos e a circulação dos animais pela mata. As armadilhas eram montadas na trilha dos animais.

Nesse sentido, podíamos dizer que havia duas trilhas na mata: uma dos humanos e a outra dos animais. Os meninos aprenderam a identificar o caminho que os animais faziam na mata, por isto escolhiam locais tão inusitados, onde humanos não circulariam. Dessa forma, assim como Deleuze (ABECEDÁRIO..., 1988) dizia quando falava sobre os animais, os caçadores eram aqueles que reconheciam o mundo dos animais e sabiam ler o seu mundo.

Uma vez identificados os locais de circulação e morada dos animais, os meninos inicialmente colocavam a pedra escorada na porta das moradas, todavia sem o mecanismo que a derrubava. A partir daí eles começavam a atrair os bichos para dentro da armadilha. Começavam a cevar o lugar, colocando ali comidas que os animais costumavam comer, como milho, feijão. Passado algum tempo e somente quando os animais já estivessem acostumados com a pedra e a procurarem a comida, eles armavam o mecanismo de gatilho. Para alguns animais fortes e resistentes como o tiú, que além da força possuía uma pele bem grossa, as pedras poderiam não ser o suficiente para esmagá-los, e eles poderiam escapar se arrastando por debaixo delas. Neste caso, os meninos faziam uma espécie de muro em volta da pedra para dificultar a saída do animal. Se não morresse esmagado, o animal morreria de fome ou seria encontrado pelos meninos.

Uma coisa que os rapazinhos se queixavam era sobre o fato de outros meninos também andarem pelo local desarmando as armadilhas ou mesmo pegando os bichos que nelas caíam. Além deles, suas irmãs também vigiavam as armadilhas verificando sempre que possível se haviam pegado algum bicho.

Interessante reconhecer a mata como um território de caça dos meninos. A mata já era, por si só, um território em que se estabelecia novas maneiras de percepção e de caminhar. Eu percebia isto de forma bem veemente, pois desconhecia como me orientar nesse novo espaço, coisa que os meninos faziam com bastante segurança. Por isso pedia ajuda a eles para que me orientassem

como caminhar. Sendo assim, eles me guiavam pela mata, avisando-me dos locais por onde deveria passar, da presença de espinhos e urtigas que devia evitar, dos buracos e das lapas. Outra coisa importante dizia respeito à maneira de os meninos caminharem na mata, o que estava relacionado com a atenção que eles assumiam e a um olhar que, fazendo referência a Deleuze (ABECEDÁRIO..., 1988), chamaria de “olhar animal”, ou “olhar à espreita”. Os sentidos dos meninos ficavam mais aguçados, atentos aos barulhos e aos movimentos que ocorriam ao seu redor. Dessa forma, à medida que caminhávamos, eles iam identificando a presença dos bichos que circulavam por aquele espaço, naquele momento.

Considerações finais

Recuperando o objetivo inicial deste artigo, caracterizamos aqui as sociabilidades que configuram a infância e o aprendizado da criança Xakriabá, especificamente, aquelas presentes nas práticas de circulação dos meninos pelo território e os aprendizados decorrentes das práticas de caça. A circulação das crianças pelo território caracteriza momentos do aprendizado e da socialização da criança indígena, marcados por uma atualização cotidiana dos laços de parentesco, que se dá a partir da sua participação e realização das tarefas em seu grupo familiar. A circulação das crianças também lhes abre a possibilidade de encontros, de uma convivência com não parentes e também com não humanos, aleivosias, encantados e cobras. Ao tratarmos da aprendizagem de caça dos meninos, buscamos caracterizar tal prática a partir das relações entre humanos e não humanos, presentes no pensamento e práticas do grupo, principalmente na discussão sobre como tratam da relação natureza e cultura.

Se todas essas práticas acima elencadas têm papel fundamental na constituição das identidades das crianças Xakriabás, retomo aqui uma de minhas inquietações iniciais: a constatação da existência da prática de caça entre os Xakriabás quando se supunha que ela não fosse mais praticada, apesar das mudanças ocorridas (redução do território de caça, redução de animais, mudança na alimentação do grupo que passa a incorporar cada vez mais produtos industrializados em sua alimentação, em específico ao consumo de carne, a criação do gado e de animais domésticos como a galinha e o porco, as constantes fiscalizações do IBAMA, da incerteza quanto ao sucesso da empreitada). Uma vez sendo realizada por crianças, confirmou-se não somente a ideia de um conhecimento transmitido pelas gerações mais velhas e praticado pelas novas gerações, como também algo necessário à constituição identitária do grupo.

Segundo Descola, uma técnica para ser retida ou inserida em um grupo, “deve ser compatível com o conjunto do sistema técnico no qual ela venha se

inserir” (DESCOLA, 2002, p. 97). Usando do mesmo raciocínio apresentado pelo autor não para se pensar na inserção de uma nova técnica, mas para buscar entender a permanência da caça no grupo, poderíamos nos perguntar: qual seria entre os Xakriabá o sistema simbólico ou “o estoque pré-existente de relações consideradas possíveis no interior de uma totalidade sociocultural” que não somente sustentasse mas também permitisse fazer da caçada uma técnica, uma relação objetivável entre o homem e a matéria, na relação entre o homem e o animal, o caçador e a caça? Acreditamos que neste texto estejamos buscando a algumas dessas respostas.

Referências

ABECEDÁRIO de Gilles Deleuze, O. Direção: Pierre-André Boutang. Produção: Pierre-André Boutang para Éditions Montparnasse. Elenco: Gilles Deleuze e Claire Parnet. França: Éditions Montparnasse, 1988. DVD (158 min.), son. col.

CODONHO, Camila Guedes. *Aprendendo entre pares: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marworno*. Florianópolis, SC: UFSC, 2007.

COHN, Clarice. *A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado*. 2000. 185f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hucitec, 1978.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.

_____. Genealogia dos Objetos e Antropologia da Objetivação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 08, n. 18, 2002.

FAUSTO, C. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8 n. 2, p. 7-44, 2002.

FERNANDES, Isabela Naves. *O uso de plantas medicinais e os processos rituais de cura entre os Xakriabá da aldeia Caatinguinha, São João das Missões, Minas Gerais*. 2008. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte.

GOMES, Ana Maria R. Outras Crianças, outras infâncias? In: SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cristina Gouvea (Org.). *Estudos sobre infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 82-96.

INGOLD, Tim. From The transmission of representations to the education of attention. In: WHITEHOUSE, H. *The debate mind evolutionary psychology versus ethnography*. Oxford: Berg. P. 113-153, 2001.

LAVE, J; WENGER. E. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIMA, Tânia Stolze. Os dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 21-47, 1996.

_____. Para uma teoria etnográfica da distinção natureza e cultura na cosmologia Juruna. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 43-52, jun. 1999.

MARIZ, Alceu Cotia et al. *Relatório de viagem à Área Indígena Xakriabá*. Brasília: FUNAI, 1982.

MÜLLER, Regina Pólo. As crianças no processo de recuperação demográfica dos Asurini do Xingu. In: LOPES DA SILVA, Aracy et al. *Crianças Indígenas, ensaios antropológicos*. São Paulo: Mari/Fapesp/Global, 2002. p. 188-209.

NUNES, Ângela. *A sociedade das crianças A'uwê-Xavante – por uma antropologia da criança*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional/Ministério da Educação, 1999.

PARAÍSO, Maria Hilda. Memória, sentimento e religião entre os Xakriabá do Norte de Minas Gerais. In: MONTENEGRO, Antônio T.; REZENDE, Antônio P.; GUIMARÃES NETO, Regina B.; GUILLEN, Isabel C. M.; TEIXEIRA, Flávio W.; ANZAI, Leny Caselli (Orgs.). *História: cultura e sentimento*. Recife: Editora UFPE; Cuiabá: Editora da UFMT, 2008.

PENA, J. L. *Perfil sanitário, indicadores demográficos e saúde ambiental após a implantação do distrito sanitário especial indígena: o caso dos Xakriabá em Minas Gerais*. 2004. Dissertação (Mestrado em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos) – Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PIRES, Flávia Ferreira. *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e infância no semi-árido nordestino*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

ROGOFF, Barbara; PARADISE, Ruth; MEJIA ARAUZ, Rebeca et al. Firsthand learning through intent participation. *Aná Psicológica*, Lisboa, mar. 2004, v. 22, n. 1, p.11-31. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/126/pdf>. Acesso em: 7 jan. 2011.

SANTOS, Rafael Barbi Costa e. *A cultura, o segredo e o índio: diferença e cosmologia entre os Xakriabá de São João das Missões/MG*. 2010. 208f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, UFMG, Belo Horizonte.

TASSINARI, Antonella. Concepções Indígenas de Infância no Brasil. *Revista Tellus*, Campo Grande, MS, ano 7, n. 13, p.11-25, out. 2007.

_____. Múltiplas infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à e Scola ou a Sociedade contra a Escola. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 33., out. 2009, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCSGT16, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.